

# CICLISMO E PANDEMIA: relações entre o perfil socioeconômico de ciclistas de Goiânia/GO e ações durante o pedal para prevenir o contágio pelo SARS-CoV-2 (COVID 19)

**CYCLING AND PANDEMICS: relationships between the socioeconomic profile of cyclists in Goiânia/GO and actions during ride bike to prevent contagion by SARS-CoV-2 (COVID 19)**

**CICLISMO Y PANDEMIA: relaciones entre el perfil socioeconómico de ciclistas de Goiânia/GO y acciones durante el pedaleo para prevenir el contagio por el SARS-CoV-2 (COVID 19)**



Humberto Luís de Deus Inácio

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil.

betoinacio@ufg.br

**Resumo:** Este estudo articulou relações entre o perfil de ciclistas de lazer e mudanças em seus hábitos de pedalar em função da pandemia provocada pelo SARS-CoV-2 (COVID 19). Os dados foram obtidos por formulário eletrônico e tratados em plataforma específica. O total de ciclistas respondentes foi de 87. Em perfil, obteve-se: idade, renda, nível de escolaridade e fontes de informação/notícias. Sobre como pedalam em função da pandemia, tivemos: pedala só ou em grupo e com ou sem máscara. Os resultados mostram que os ciclistas têm, predominantemente, idade acima de 30 anos, escolaridade universitária e renda acima de R\$2.500. As mídias virtuais são a principal fonte de informação. A ação mais destacada para prevenir o contágio foi o uso de

máscara; todavia, não houve relações significativas entre o perfil e novas formas de pedalar.

**Palavras-chave:** Ciclismo. Lazer. COVID-19. Mudanças.

**Abstract:** This study articulated relationships between the profile of leisure cyclists and changes because of the pandemic caused by SARS-CoV-2 (COVID 19). Data were obtained by electronic form and processed in a specific platform. 87 was the total number of cyclists responding. In profile, obtained: age, monthly income, education level and sources of information/news; on the behavior in the practice of cycling we had pedal alone or in groups and with or without mask. The results show that cyclists are predominantly aged over 30 years old, have a university education and an income above R\$2,500. Virtual media are the main source of information. The most prominent behavioral change was the use of a mask; however, there were no significant relationships between the profile and behavioral changes.

**Keywords:** Cycling. Bike rider. Leisure. COVID-19. Changes.

**Resumen:** Esta investigación articuló relaciones entre el perfil de ciclistas de ocio y cambios en la acción de pedalear en función de la pandemia por el SARS-CoV-2 (COVID 19). Los datos se obtuvieron por cuestionario electrónico, con 87 sujetos y tratados en plataforma específica. Los datos fueron: edad, niveles de renda y escolaridad y donde uno se informa; y sobre cambios se preguntó se pedalea solo o en grupo y si utiliza o no la máscara. Los resultados apuntan que la mayoría de los ciclistas tienen más de 30 años, nivel universitario y renda por arriba de R\$2.500 e se informan por las medias virtuales. El principal cambio ha sido el uso de mascara. No se ha encontrado relaciones significativas entre el perfil y los cambios.

**Palabras clave:** Ciclismo. Ocio. COVID-19. Cambios.

Submetido em: 11-06-2021

Aceito em: 15-07-2021

## Introdução/Justificativa

Desenvolver práticas corporais (PCs) é, sabidamente, uma ação significativa para manutenção da saúde em diversas dimensões – desde a física até a emocional. Independentemente da perspectiva acadêmica, mais sustentada nas Biodinâmicas ou nas Ciências Sociais, isto é um fato aceito, ainda que em níveis distintos. Nessa direção, preconiza-se que pessoas “ativas” desenvolvem melhores condições de evitar contágios e/ou desenvolver doenças de várias ordens.

Esta questão ganhou relevância no contexto da pandemia mundial causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 (COVID 19). Todo um debate acadêmico-científico foi gerado buscando indicar o que poderia ou não ser permitido, em termos de PCs, para evitar e/ou limitar ao máximo a possibilidade de contágio e disseminação da doença.

Mas esta não é uma questão apenas de saúde pública. É possível observar, por exemplo, um conflito no âmbito da Economia, notadamente na oferta de serviços relacionados às práticas corporais – academias, trabalho de *personal trainers*, estúdios de Pilates espaços que foram restringidos por determinações governamentais nas esferas municipal e estadual.

Não poucos agentes ligados a este campo de serviços argumentam pela sua abertura com base na compreensão de que o exercício físico proporciona saúde e aumenta imunidade, o que seria altamente relevante nestes momentos de crise sanitária.

Por outro lado, quase todos os dias vemos estudos sobre a dispersão do vírus pelo ar e as chances de contaminação. No caso de academias e outros espaços, quase sempre disponíveis em lugares fechados, as orientações são para que sejam adaptados no sentido de ampliar a circulação de ar, restrição de usuários por tempo e aparelhos, uso de máscaras e higienização constante de mãos e equipamentos. Ainda assim, a proximidade entre os usuá-

rios e possíveis falhas nos procedimentos de higienização podem permitir o contágio.

Ainda no campo econômico, temos visto o retorno das competições esportivas, especialmente aquelas com contratos de transmissão televisiva, com protocolos de teste e isolamento de atletas, o que permite que a “roda continue girando”, num contexto no qual as transmissões são responsáveis por boa parte do suporte financeiro de clubes, bem como a realização das competições gera lucro às emissoras. Todavia, destarte o discurso de que todos os cuidados são tomados e as orientações seguidas, no campeonato brasileiro masculino de futebol:

Apesar dos protocolos elaborados pela CBF e pelas autoridades sanitárias, muitos clubes não conseguiram evitar o contágio entre os atletas e comissão técnica. Durante o torneio, várias equipes tiveram surtos de casos. O primeiro aconteceu logo na primeira rodada, quando o Goiás teve dez testes positivos na manhã da partida. [...] Ao todo, a Série A registrou 302 infecções de jogadores pelo vírus durante o Brasileirão (BRASILEIRÃO, 2021, n. p.).

Já o campeonato norte-americano masculino de basquetebol (NBA), na temporada passada, realizou várias rodadas com as equipes absolutamente isoladas, no que se convencionou chamar de “bolhas”, sem apresentar casos de contaminação: “Em mais de cem dias de duelos entre 22 times, houve zero resultados positivos nos testes diários de infecção” (PRESSIONADA..., 2021, n. p.). Bastou mudar o formato da competição para a atual temporada

que os casos começaram a aparecer: “Iniciado em 22 de dezembro, o torneio teve até esta sexta-feira (15), em menos de um mês, dez partidas adiadas. Isto ocorreu sempre que um time não tinha à disposição o mínimo de oito peças do elenco” (PRESSIONADA..., 2021, n. p.).

Ou seja, até hoje, mais de um ano após a decretação da pandemia pela OMS, o debate permanece, com posições distintas e antagônicas sobre o tema, muitas delas originadas em interesses distantes das necessárias ações de combate ao vírus. Uma alternativa apresentada nesta querela é o desenvolvimento de PCs ao ar livre, nas quais o contato entre as pessoas pode ser evitado e a dispersão do vírus limitada; entre estas práticas está o ciclismo.

O ciclismo, prática corporal realizada com o uso do equipamento “bicicleta”, com o ato de pedalar, apresenta universalidade significativa. Está presente no mundo todo e é utilizado como meio de transporte, como brinquedo, como aparelho de treinamento corporal e competições, como também para fruição do/no lazer.

Segundo a Associação Brasileira dos Fabricantes de Motocicletas, Ciclomotores, Motonetas, Bicicletas e Similares (ABRACICLO), o Brasil é o 4º país no mundo em produção de bicicletas e sua frota nacional atual ultrapassava, em 2016, a cifra de 70 milhões; com uma produção média de 800 mil unidades ao ano, pressupõe-se que tal número, atualmente, se aproxima de 74 milhões. Estes dados sustentam a relevância da bicicleta para a população brasileira e justificam pesquisar sobre este tema.

Como já indicado, há modos distintos de uso da bicicleta. Neste estudo investigamos aqueles que pedalam em seu tempo livre, como uma atividade de lazer; chamaremos a este grupo de pessoas de Ciclistas de Lazer (CL), buscando “colocar a serviço da sociedade [...] reflexões sobre como o novo ciclo de pandemia atinge e/ou evidencia desafios para a Educação Física”<sup>1</sup>.

Podemos asseverar que a relação entre o ciclismo e a Educação Física/Ciências do Esporte tem sido tema recorrente entre os/as pesquisadores/as da área, como em Melo e Schetino (2009), e Frosi *et al.* (2011), que discutem aspectos sociológicos e históricos da prática; Lopes *et al.* (2018), debatendo sobre a presença do ciclismo na preferência de prática corporal de jovens, ou ainda Oliveira *et al.* (2013), com pesquisa de variáveis posturais durante a pedalada; entre muitos outros.

<sup>1</sup> Citação extraída da chamada da Revista Pensar a Prática para esta seção temática.

## Ciclismo e pandemia

Nas orientações sobre risco de contágio, a Associação Texana de Médicos apresenta um quadro no qual se observa uma classificação sobre o risco de contaminação pelo SARS-CoV-2 em inúmeras atividades; as atividades são apresentadas numa escala que vai de 1 (baixíssimo risco) a 9 (altíssimo risco).

Nesse quadro (Figura 1), o ciclismo situa-se – junto com caminhar e correr<sup>2</sup> – na 7ª linha de cima para baixo, no nível 3, o que corresponde a uma atividade de baixo risco de contaminação (DOOLITTLE, 2020).

Figura 1 – Grau de risco de contaminação de acordo com a atividade



Fonte: Doolittle (2020).

2 No original, "Going for a walk, run or bike riders with others". A presente tradução é de nossa autoria.

Todavia, o quadro não aponta outros aspectos das PCs que precisam ser levados em conta: qual a distância que os ciclistas devem manter uns dos outros, seja lado a lado ou um à frente do outro? Devem usar máscara? Faz alguma diferença a velocidade da prática? Quantos ciclistas podem pedalar juntos? Ou seja, ficam faltando alguns elementos para que as pessoas possam se situar e decidir se aderem ou não à prática.

Nessa direção, Danusa Dias Soares e Leszek Antoni Szmuchrowski, professores da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Educacional da UFMG, destacam que o vírus apresenta certa capacidade em se manter e disseminar no ar (processo que vem sendo chamado de “aerossol” – quando o movimento e a velocidade se associam – como no ciclismo). Baseando-se em estudos belga e holandês, os professores indicam que a distância entre ciclistas, especialmente quando se encontram pedalando em fila indiana, seja de:

[...] impressionantes dez metros de distância, quando se desenvolve pequena velocidade, e 20 metros, dez vezes mais que o recomendado em situações normais, quando a velocidade desenvolvida é próxima do que se tem em competições (SIMÕES, 2020, n. p.).

Esta orientação, por si só, sugere que o pedal<sup>3</sup> em grupo não deve ser uma opção para quem deseja se prevenir da contaminação pelo SARS-CoV-2; a não ser que tal ação seja desenvolvida com os CL pedalando distantes uns dos outros, o que limitaria a interação entre eles, descaracterizando o pedal em grupo, no qual os CL se animam, se apoiam, conversam, trocam experiências.

Além da distância entre os praticantes, outro aspecto bastante discutido é o uso ou não de máscaras nas PCs ao ar livre. Sobre isso, a Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte e do Exercício (SBMEE) aponta:

<sup>3</sup> A expressão “pedal” é utilizada cotidianamente pelos CL como sinônimo de “Ciclismo”. Neste texto faremos o mesmo.

Nesses tempos de pandemia, o uso de máscaras no ambiente social está sendo preconizado por diversas entidades de saúde, incluindo a OMS, para reduzir a possibilidade de propagação da COVID-19. Em especial, nas localidades onde está decretada a obrigatoriedade do uso de máscara, em ambientes públicos, desde que a prática de exercícios físicos ao ar livre e/ou em academias esteja liberada pelo poder executivo, deve-se usá-la ao exercitar fora de casa, até pela necessidade de cumprimento de uma determinação legal (SBMEE, 2020, n. p.).

Então, há dois aspectos indispensáveis para se discutir, no âmbito das PCs ao ar livre, como medidas preventivas de contaminação e disseminação do SARS-CoV-2: a realização destas práticas em grupo ou só e a utilização ou não de máscara.

O estudo ora apresentado objetiva apresentar relações entre o perfil de CL de Goiânia/GO e alterações em alguns de seus hábitos de pedalar durante a pandemia. Com isto, pretendemos compreender alguns aspectos sobre a maneira que tal pandemia atua neste contexto.

Há alguns anos acompanhamos uma dinâmica na cidade, a do pedal de lazer em vias predominantemente rurais. Neste caso, o CL desenvolve sua prática corporal sozinho ou em grupos pequenos (até 5 ciclistas), médios (+ de 5 até 10 ciclistas) e grandes (acima de 10 ciclistas)<sup>4</sup>, em estradas de terra, com baixo movimento de automóveis e paisagens mais “verdes” do que as urbanas; são diversas vias, também chamadas de trilhas. Entre estas estão a trilha Goiânia-Santo Antônio de Goiás e a Goiânia-Terezópolis de Goiás via Lago Amaralina. São trilhas de níveis fácil e moderado, até porque há pequenas alterações de trajeto que podem ser realizadas durante o pedal, conferindo mais ou menos intensidade/esforço ao mesmo.

A trilha Goiânia-Santo Antônio de Goiás é muito frequentada nas quintas-feiras à noite, quando acontece uma pequena feira

<sup>4</sup> Sugestão de classificação dos grupos segundo número de participantes de nossa autoria, a partir de observações *in loco*, as quais indicam predominância desses grupos.

na cidade de Santo Antônio de Goiás, na qual se comercializam pastéis “fritos na hora”, entre outros petiscos. Desde algum tempo, esta via passou a ser chamada de “Rota do Pastel” e na feira se podiam observar, às vezes, mais de 300 CL interagindo enquanto degustavam os pastéis. Recentemente, esta movimentação foi objeto de matéria no jornal ‘O Popular’, de Goiânia. Segundo o impresso:

Ciclismo na rota do pastel estimula o turismo e a economia [...] a chamada Trilha do Pastel passou a atrair mais ciclistas da capital, fez surgir novas oportunidades de negócios e tem feito moradores e prefeitura vislumbrarem reforço do destino como rota de cicloturismo (SANTO..., 2021, n. p.).

Ainda conforme o jornal, o número de CL pode chegar aos 700 na feirinha das quintas-feiras e o movimento mensal, que soma os outros dias da semana e os sábados e domingos, se aproxima de 10 mil.

Após o início da pandemia, esta autoria não frequentou mais a trilha Goiânia-Santo Antônio de Goiás nas quintas-feiras à noite. Durante alguns meses a própria feira ficou interdita pelo poder público municipal e até mesmo o ciclismo de lazer foi proibido na área urbana da cidade. A foto abaixo, da mesma matéria, não mostra a feira, mas sim um dos estabelecimentos que abre às sextas, sábados e domingos, durante o dia, predominantemente para atender os CL.

Figura 2 – Ciclistas de lazer em frente a uma lanchonete em Santo Antônio de Goiás



Fonte: O Popular (2021).

Nota-se na imagem que (Figura 2), entre 14 CL, 7 estão com máscara (mais a mulher de camisa branca, ao centro, que é comerciante), enquanto a outra metade está sem a proteção. Além disso, estão aglomerados, sem distância entre eles. É nesse contexto de pandemia e busca de uma PC ao ar livre que esta investigação foi desenvolvida.

## A pesquisa

Esta pesquisa localiza-se no âmbito das pesquisas qualitativas, pelo que se pretende uma aproximação de determinada realidade, elucidando aspectos da mesma num nível próximo da verdade.

Os objetivos aqui foram: a) diagnosticar o perfil socioeconômico de CL que pedalam por trilhas em Goiânia/GO; b) identificar

alterações nos hábitos de pedalar destes CL, especificamente se passaram a usar ou não a máscara durante a prática e se pedalam a sós ou em grupos; c) estabelecer algumas relações entre os dados obtidos nos dois objetivos anteriores.

Para o desenvolvimento desta investigação, elaboramos um questionário na plataforma *Google Forms*<sup>®</sup> com questões como idade, sexo, escolaridade, profissão/emprego e renda (perfil), sobre mudanças nos hábitos de lazer em geral (com 19 opções de múltipla escolha e uma aberta para preenchimento textual), uma questão sobre a pandemia e outro bloco de questões específicas sobre o pedal, totalizando 28 perguntas.

A proposta de pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade federal de Goiás e aprovada pelo CEP/UFG, sob o número CAEE 40125520.6.0000.5083. Neste processo, foi também avaliado e aprovado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual era apresentado aos respondentes no topo do formulário.

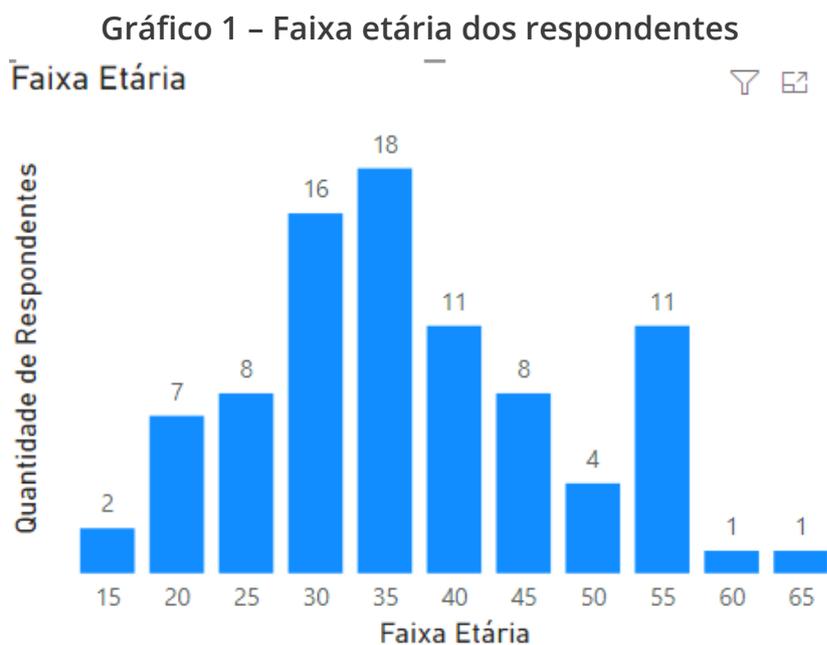
O instrumento de coleta de dados foi testado em um grupo piloto e as adequações que se mostraram necessárias foram implementadas; em seguida, foi publicizado por redes sociais, como *Instagram*<sup>®</sup> e *WhatsApp*<sup>®</sup>, especialmente em grupos de pedal na região metropolitana de Goiânia. Não foi possível definir, mesmo que aproximadamente, um universo de CL no espaço estudado; tampouco se definiu uma amostra que fosse significativa de tal universo – estatisticamente falando. Ao final de quatro semanas e quando já haviam decorridos cinco dias sem novas respostas, no mês de agosto de 2020, interrompemos o formulário, com a participação de 87 sujeitos.

Os dados obtidos foram inseridos na plataforma *Power BI*<sup>®</sup>, com a qual foi possível elaborar gráficos e desenvolver algumas relações entre as respostas, especialmente na articulação entre o perfil dos CL e suas atitudes/conhecimentos sobre a pandemia. A plataforma *Power BI*<sup>®</sup> mostrou-se uma importante ferramenta de apoio ao nos possibilitar o estabelecimento das relações mais

adiante apresentadas. Destaca-se que a própria plataforma comunica quando determinadas relações entre dados solicitadas pelo usuário não atendem prerrogativas estatísticas, levando ao descarte das mesmas.

## Resultados e discussão

O perfil dos CL respondentes indica que 49 são do sexo masculino e 38 do feminino<sup>5</sup>. A maioria deles tem 30 anos ou mais, apresentando uma média de 36,9 anos de idade.

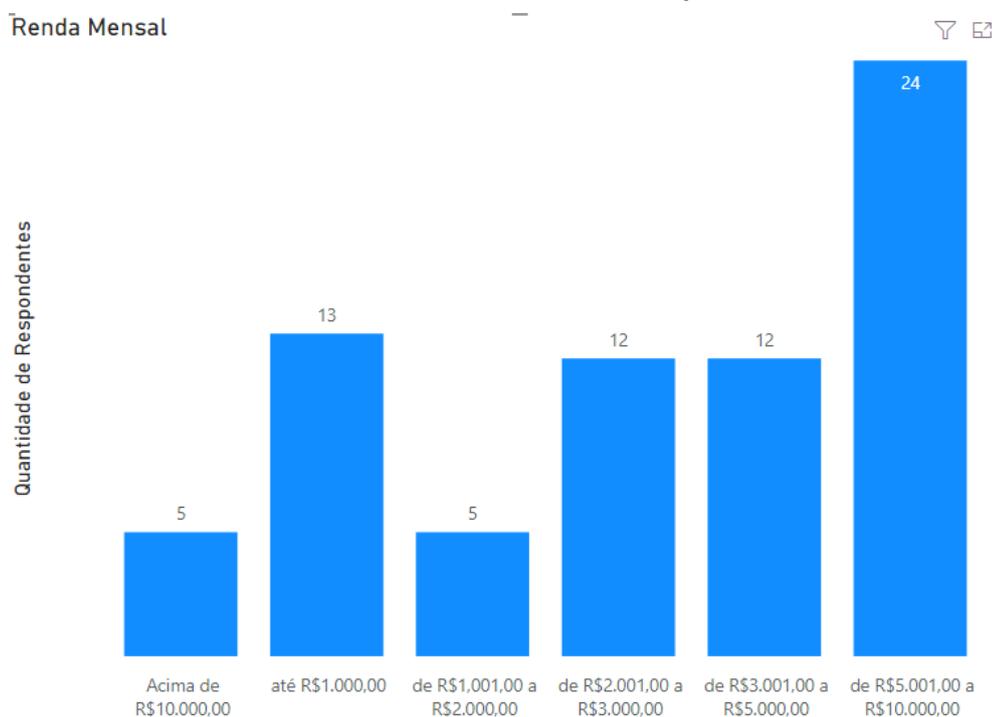


Fonte: elaboração própria (2021).

Por sua vez, 61 deles (70%) possui ensino superior completo e sobre renda mensal temos:

<sup>5</sup> Nesta pesquisa houve apenas uma outra opção além de "Masculino" ou "Feminino": "Desejo não informar", a qual não foi marcada por nenhum voluntário.

Gráfico 2 – Renda mensal dos respondentes



Fonte: elaboração própria (2021).

Como há estudantes e desempregados entre os respondentes, inferimos que foram os 16 que não responderam a esta questão. Como se pode observar, entre os 71 voluntários, 24 têm renda entre R\$2.001 e R\$5.000 enquanto outros 24 recebem entre R\$5.001 e R\$10.000.

Entre estes com renda, 61 não tiveram seus ganhos afetados pela pandemia, nem para mais nem para menos; contudo, 3 deles tiveram aumento de renda, enquanto 16 viram seus ganhos diminuir com a crise sanitária.

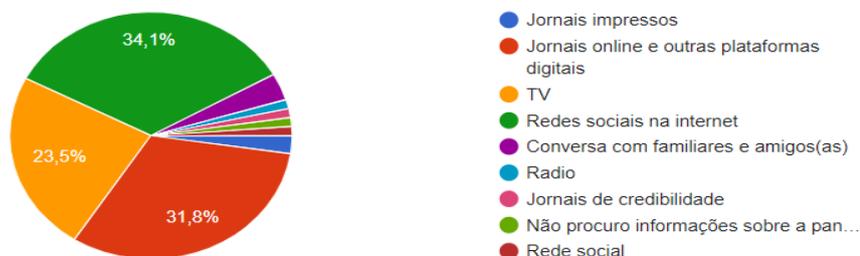
Em outros blocos de perguntas, questionamos os CL sobre seus hábitos durante o pedal no contexto da pandemia e sobre suas fontes de informação sobre a pandemia.

No gráfico abaixo observamos que a TV continua sendo uma importante fonte de informações, mas já superada pelas fontes online – jornalísticas ou não. A fonte mais acessada são as redes sociais:

### Gráfico 3 – Fontes de informação sobre a pandemia

15 - Onde você se informa sobre a Epidemia?

85 respostas



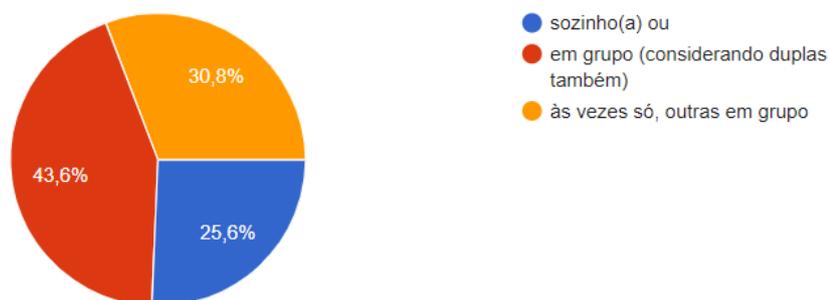
Fonte: elaboração própria (2021).

Entre 78 respondentes, 56 informaram que pedalam em grupo, enquanto 40 CL dizem pedalar às vezes em grupo, outras vezes a sós, somando 74,4% do total. Apenas 32 deles responderam que pedalam em “modo solo”:

### Gráfico 4 – Pedalando com ou sem pandemia

20 - E como você tem pedalado:

78 respostas



Fonte: elaboração própria (2021).

Estes dados confirmam o que é mostrado na foto da matéria jornalística acima citada. Aparentemente, a pandemia não levou

os CL a abandonar o hábito do pedal em grupo<sup>6</sup>, ainda que orientações relacionadas ao não contágio apontem, majoritariamente, para o distanciamento.

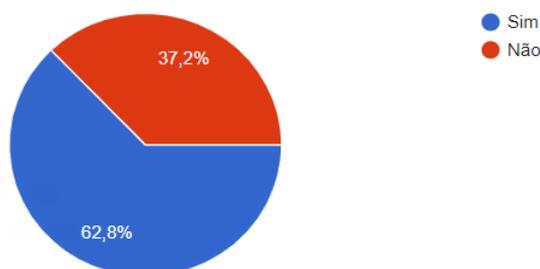
Por outra via, este estudo não identificou se os CL que pedalam a sós já o faziam antes da pandemia ou se é mesmo um novo modo em função do risco de contágio.

A próxima questão remetia especificamente ao uso de máscara, variável diretamente relacionada ao desejo de evitar contaminações, posto que não se viam CL com este aparato antes da pandemia – no máximo, os CL usavam bandanas ou balaclavas para se proteger da poeira nas estradas rurais e de insetos.

### Gráfico 5 – Uso de máscara durante o pedal

21 - Você usa máscara durante o pedal?

78 respostas



Fonte: elaboração própria (2021).

O Gráfico 5 apresenta o quantitativo das respostas. Estes dados, por sua vez, não condizem com a imagem dos CL na lanchonete, quando apenas metade deles está com máscara. Em outra coleta de dados que desenvolvemos, com observação de campo<sup>7</sup>, tivemos numa amostra de 213 sujeitos observados, 195 (91,5%) deles “sem máscara” durante o pedal. Como as coletas via questionário e por observação *in loco* se deram no mesmo período,

<sup>6</sup> É importante destacar que pedalar em grupo é uma recomendação de todos os grupos e associações de ciclistas, bem como qualquer ciclista mais experiente vai reforçar isto; os motivos são desde a interação social, passando pela solidariedade quando surge alguma demanda de conserto na bicicleta ou no caso de alguém requerer cuidados especiais (comuns por desidratação, queda de pressão, quedas da/com a bicicleta etc.), até pela segurança em relação a assaltos e roubos.

<sup>7</sup> A ser publicizada em outro artigo.

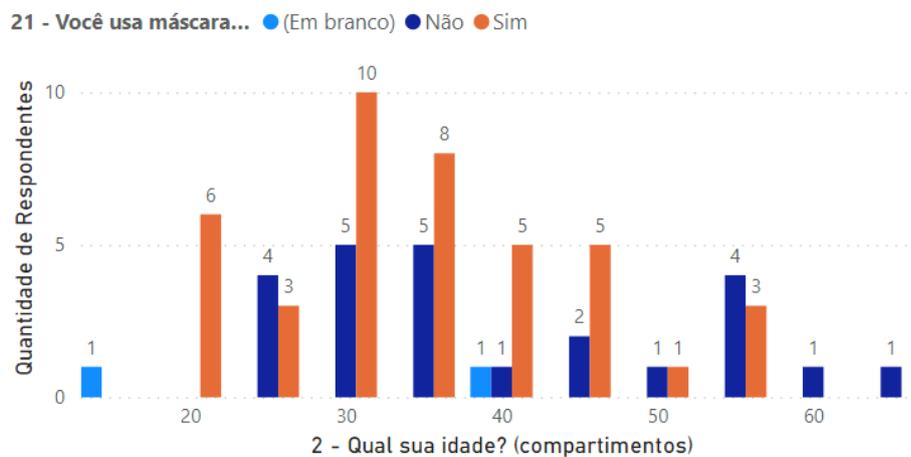
podemos inferir que: os CL respondentes do questionário não são os mesmos observados em campo; os CL respondentes do questionário marcaram resposta diferente de suas ações, talvez não querendo ser “julgados” como irresponsáveis ou algo assim. De qualquer forma, não é possível articular estas duas fontes. Apenas apresentar dados entre elas que se aproximam ou se distanciam.

Usando a plataforma *POWER BI*® estabelecemos algumas relações entre as mudanças de hábitos e o perfil dos CL. Primeiro, buscamos a relação entre a idade do CL e o uso ou não da máscara. O Gráfico 6 nos diz que na faixa de 20 a 30 anos, 9 CL usam máscara e 4 não; na faixa de 30 a 40 anos, 18 usam e 10 não; entre 40 e 50 anos, 10 usam e 3 não, sendo que houve uma resposta em branco; finalmente, entre os CL com 50 até 60 anos, 4 usam e 5 não usam o equipamento de proteção. Os dados nas extremidades do gráfico apresentam apenas uma ou outra opção, sendo descartados para análise.

Observa-se que: a) na faixa de 20 a 30 anos, entre 28 sujeitos, 19 (77,5%) usam máscara; por sua vez, 13 (64,3%) dos 20 CL na faixa de 30 a 40 anos de idade também a usam; já na faixa de 40 a 50, entre os 9, são 6 (77%), ainda que o número absoluto seja menor que os da faixa anterior; no último interstício, de 50 a 60 anos, há mais CL sem máscaras (5), sendo que os outros 4 CL a usam, numa relação quase igual de metade-metade.

A conclusão possível aqui é que os CL abaixo de 50 anos de idade estão mais propensos ao uso do equipamento de proteção do que os CL mais velhos (onde se pode incluir, agora sim, o dado extremo de um único CL com 60 anos, que também não usa a máscara). Diagnosticar o porquê de as pessoas usarem ou não a proteção requereria mais perguntas no questionário; no momento de sua elaboração, compreendemos que já estava suficientemente extenso e não seria adequado ampliá-lo.

### Gráfico 6 – Relação entre usar ou não máscara e idade



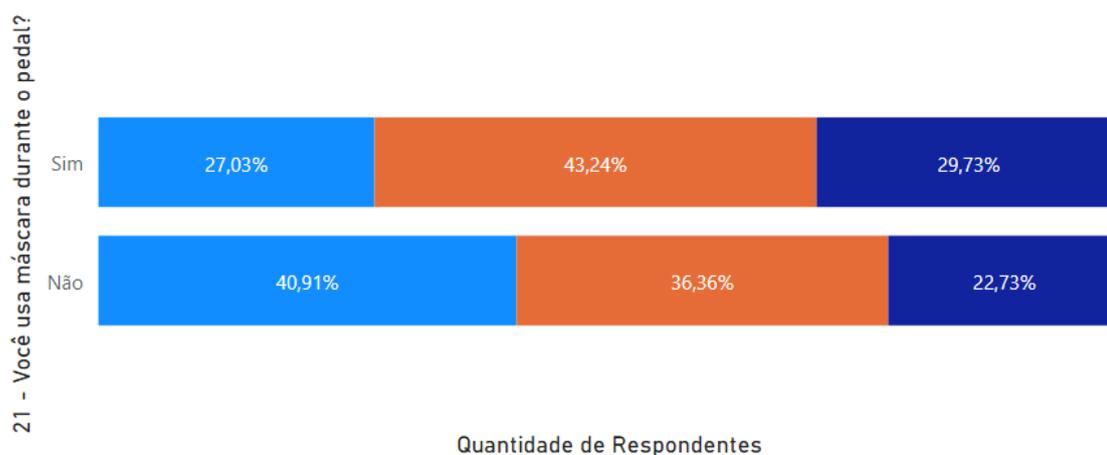
Fonte: elaboração própria (2021).

A articulação entre perfil e hábitos seguiu relacionando o uso da máscara e as fontes de informação; o Gráfico 7 representa as respostas:

### Gráfico 7 – Relação entre usar ou não máscara e fontes de informação

Quantidade de Respondentes por 21 - Você usa máscara durante o pedal? e 15 - Onde você se informa sobre a Epidemia? - Principal

15 - Onde você se informa s... (Jornais online e outras plataformas digitais) (Redes sociais na internet) (TV)



Fonte: elaboração própria (2021).

Não há diferenças significativas entre as respostas, mas aqui se confirma que a maioria dos CL se informa pelas redes sociais, tal como se viu antes. De qualquer forma, entre os que usam a proteção, 43,2% se informam prioritariamente pelas redes sociais, enquanto os que não a usam têm os jornais online e outras plataformas digitais como principal fonte de informações (40,9%). Não compreendemos ser possível afirmar que o uso da máscara está diretamente afetado pela fonte de informações sobre a pandemia, pois os números são próximos nas duas situações.

Procuramos então entrelaçar o uso da máscara com o nível de escolaridade:

Gráfico 8 – Relação entre usar ou não máscara e o nível de escolaridade



Fonte: elaboração própria (2021).

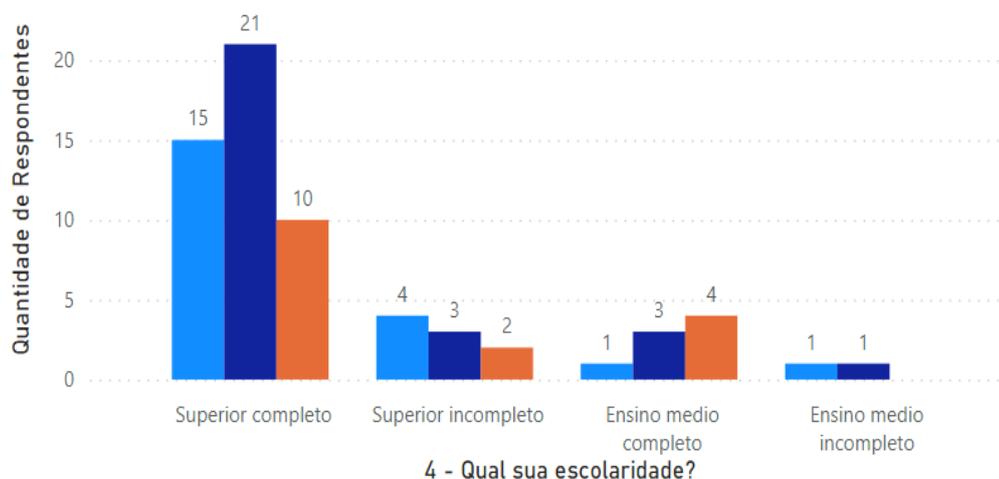
Apenas 65 CL responderam sobre sua escolaridade; em todos os níveis se pode observar e confirmar que a maioria usa a máscara. Proporcionalmente, entre os que concluíram o ensino superior, 61% usam e 39% não; no nível superior incompleto esta proporção muda para 66% com e 33% sem; já entre os que têm o ensino médio completo, são 60% os que usam. Estes dados por sua proximidade

dade, não nos possibilitam indicar que algum nível de escolaridade interfere mais determinadamente no uso ou não da máscara.

Gráfico 9 – Relação entre o nível de escolaridade e o pedal com ou sem companhia

Escolaridade x Pedal em Grupo

20 - E como você tem ped... ● às vezes só, outras em grupo ● em grupo (considerando d... ● sozinho(a)



Fonte: elaboração própria (2021).

O Gráfico 9 nos mostra que uma parcela importante dos CL prefere pedalar em grupo (27); se somarmos os que responderam “às vezes só, outras em grupo”, isto se reflete como ampla maioria (48). Chama a atenção os dados dos CL que possuem ensino médio completo quando metade indica que pedala só – ainda que sejam apenas 8 os respondentes com este nível de escolaridade.

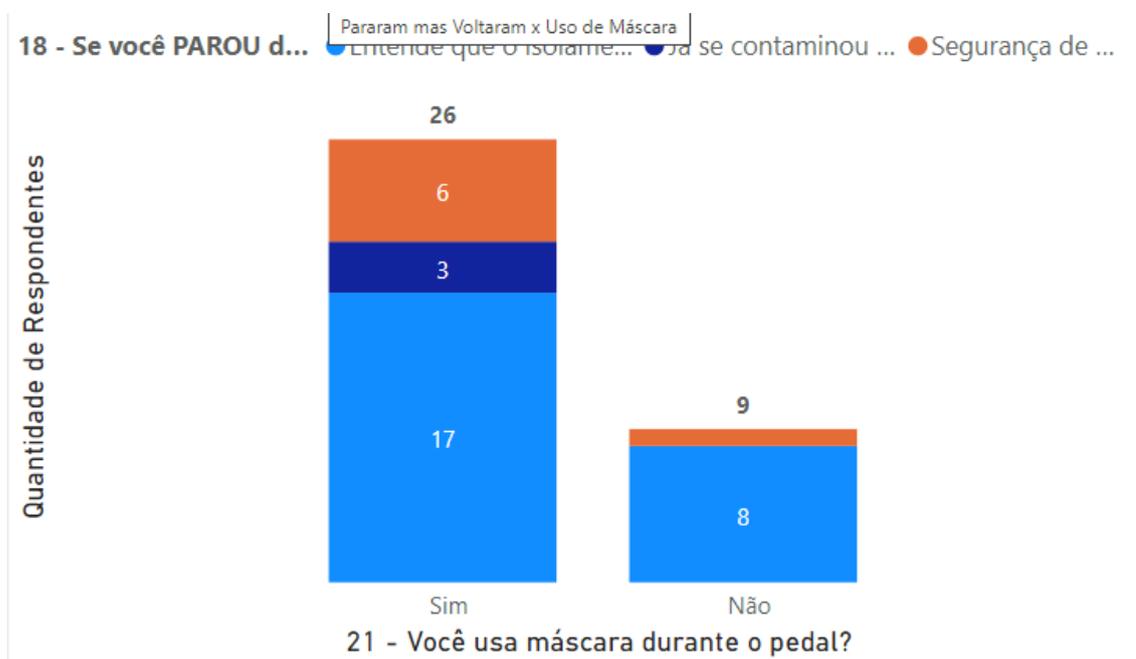
Pedalar em grupo, como já comentado, apresenta uma série de vantagens – especialmente porque o pedal aqui analisado é de lazer e não de competição – daí se compreende a preferência O que não se entende é a ampla escolha por essa opção em tempos de pandemia. Seria possível indicar um imaginário coletivo de “sentimento de imunidade”, por serem – aparentemente, pessoas não sedentárias? Ou são – no interior dos grupos, pessoas que se

conhecem, que sabem como se cuidam e por isso mesmo confiam umas nas outras?

Esta última alternativa poderia ser verdadeira se não fosse o fato de que, toda semana, nos grupos de WhatsApp® e Instagram®, pessoas abrem listas de adesão para pedalar sem critérios de inclusão/exclusão, ou seja, para quem se inscreve, basta aparecer no dia e horário indicados e se juntar ao grupo.

Finalmente, articulamos dados entre os CL que pararam de pedalar no início da pandemia, mas já voltaram, se usam ou não máscara e o porquê de já terem voltado. E, na sequência, cruzamos os dados entre os que não pararam e seus motivos para isso, e se usam ou não máscaras.

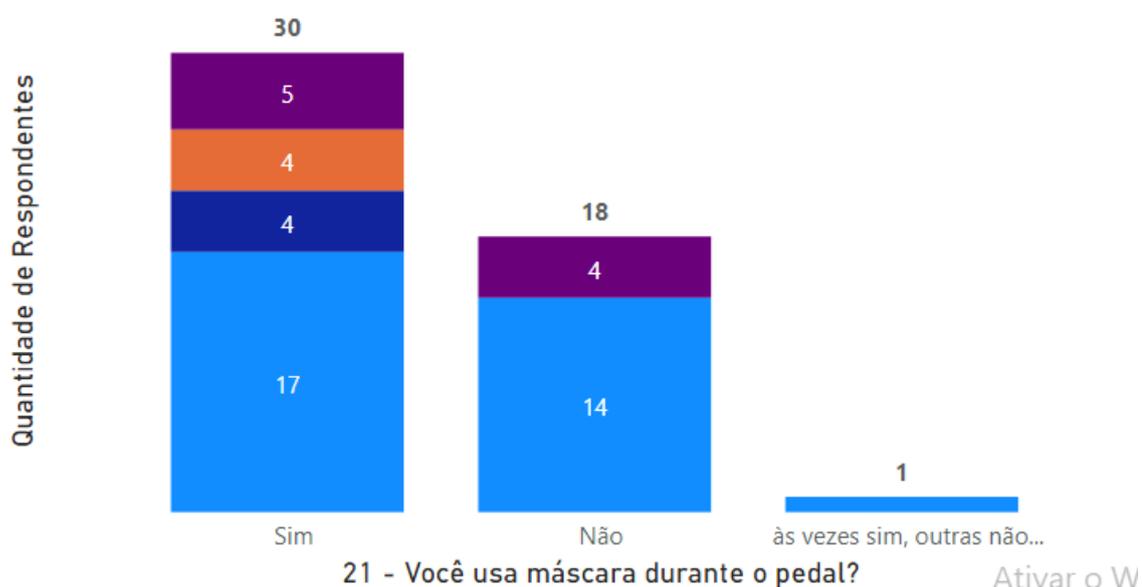
Gráfico 10 – O uso ou não de máscara para CL que pararam, mas já retomaram o pedal



Fonte: elaboração própria (2021).

Gráfico 11 – O uso ou não de máscara para CL que não pararam o pedal

19 - Se você NÃO PAR... ● Entende que o isol... ● Já se contamin... ● Outro ● Segurança d...



Fonte: elaboração própria (2021).

Entre os 35 CL que relataram ter parado, mas já retornado, 26 usam máscara, enquanto os outros 9 não. Tanto entre os que usam e os que não usam a proteção, o motivo para terem retomado é o mesmo: entendem que o isolamento é uma estratégia necessária para conter a pandemia, mas que há atividades possíveis de serem realizadas com os devidos cuidados, tais como o pedal em trilhas. Assim, podemos inferir que estes CL pararam no início da crise sanitária, enquanto as informações eram poucas e desconhecidas e, depois, se sentiram suficientemente esclarecidos para voltar a pedalar, uma vez que esta é uma prática ao ar livre.

Contudo, a interpretação do que se pode/deve fazer não foi a mesma para todos, posto que uns usam, enquanto outros CL não usam a proteção. Por outro lado, no grupo dos CL que não parou em tempo algum, podemos observar que a maioria argumenta da mesma forma que o grupo anterior – indicando que o pedal, por ser em local aberto, não oferece risco.

Neste último grupo se destaca um dado: os que já se contaminaram – sendo 4 entre 30 CL. A segunda resposta mais oferecida (9) foi “Segurança de não se contaminar com o Covid-19”. Então, os que já se contaminaram se sentem, individualmente, seguros, mas não observam que continuam sendo potenciais transmissores do vírus. Ao mesmo tempo, outros 9 CL têm certo de que não se contaminarão – mas não se pode saber de onde vem tal posicionamento; talvez apenas do uso da máscara?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: os desafios para a educação física e as ciências do esporte num contexto pandêmico

É papel da ciência desvendar, ou pelo menos tentar, os elementos, as características, as categorias, as variáveis, os determinantes, enfim, o que compõe os diversos contextos sociais, econômicos e culturais que se apresentam; sempre em busca de uma aproximação da verdade sobre tais contextos, buscando, eticamente, contribuir para a construção de uma sociedade justa e igualitária.

Assim, este estudo buscou revelar aspectos de um fato novo, originado da crise sanitária pelo SARS-CoV-2, que é o pedal de lazer realizado sob uma nova dinâmica de comportamento<sup>8</sup> – individual e coletivo – que a pandemia trouxe consigo. Buscamos então diagnosticar se houve alterações/adequações no uso de máscaras e no pedal em grupo ou solo dos CL, e se tais alterações apresentavam relação com algumas características de seus perfis.

Nossos dados mostram que a principal alteração durante a realização do pedal foi a introdução do uso de máscara. Esse resultado era esperado, visto que boa parte da população brasileira se viu levada a adotar esta ação em seu cotidiano.

<sup>8</sup> A palavra “comportamento” é aqui utilizada como expressão da forma como os CL pedalavam antes da pandemia e pedalam agora, durante a pandemia.

Por outro lado, sobre pedalar solo ou em grupo, nossos dados apontam apenas o período pandêmico; não obtivemos dados de período anterior para comparar. Não obstante, como ciclista de lazer, cotidianamente pedalando nas mesmas trilhas que a maioria dos respondentes<sup>9</sup>, podemos asseverar que era bastante raro observar ciclistas solo e que esta realidade se alterou durante a pandemia.

Nosso estudo reforça um dado cada vez mais investigado, especialmente no âmbito das ciências sociais: de que as pessoas se informam muito e, cada vez mais, pelas mídias virtuais, ainda que a TV permaneça como fonte importante. E, no rol das mídias virtuais, os grupos de *WhatsApp*® e *Instagram*® são os mais citados; sobre estes, já é de domínio público, apresentam informações determinantemente de maneira superficial, quando não falsas, às vezes, mais confundindo que comunicando/informando.

Boa parte dos CL possui renda acima de R\$3.000,00 o que é quase uma necessidade para esta prática corporal, haja visto os altos valores das bicicletas, das peças e acessórios, nos quais se inclui também uma indumentária especializada. Este dado parece se articular ao nível de escolaridade, pelo qual se observa que os CL concluíram o ensino superior. Assim, podemos inferir que uma formação mais avançada se reflete em uma renda melhor, possibilitando o acesso a uma prática corporal de lazer relativamente restrita quando analisada da perspectiva econômica.

Diagnosticamos ainda que uma parcela significativa dos CL parou de pedalar logo no início da pandemia, provavelmente um reflexo das poucas informações e orientações sobre a doença, o que causou temor e precaução. Todavia, tão logo as pessoas se sentiram suficientemente cientes sobre como proceder para evitar a contaminação, somada às notícias/publicações sobre a prática de atividades ao ar livre e o baixo risco nelas envolvido, retomaram a atividade.

<sup>9</sup> Havia no formulário uma questão sobre que trilhas os CL costumam pedalar. A maioria indicou as trilhas que destacamos no começo deste texto e que são as mesmas pelas quais pedalamos usualmente.

O que parece não ter ficado claro aos CL são os pormenores dos cuidados necessários para realizar práticas corporais em espaços abertos. Como já destacamos, enquanto a Associação Texana de Médicos comunica que pedalar com outras pessoas é atividade de baixíssimo risco, outras orientações falam em 20 metros de distância entre os ciclistas como estratégia de proteção. Assim, os CL parecem ter decidido que podem pedalar em grupo sem que isso acarrete risco de contaminação pelo vírus.

Nessa mesma direção, usar ou não máscara parece ter se situado no âmbito das decisões pessoais, como um cuidado apenas de si e pouca presença da empatia. Ainda que os CL compreendam a não necessidade de usar essa proteção enquanto pedalam, poderiam, ao menos, estar com o equipamento à mão e colocá-lo ao encontrar, pedalando ou parado, outro(s) CL.

Além disso, as variáveis idade, nível de escolaridade e renda, quando interrelacionadas aos comportamentos, sugerem que não há alguma correspondência determinante entre eles.

Finalizamos este texto reforçando nossa função social de informar, de fazer conhecer, de superar o senso comum e, consequentemente, contribuir para o controle da pandemia. Num contexto<sup>10</sup> em que o Brasil não apresenta sinais de que a população estará livre ou com menor exposição ao vírus nos próximos meses, em função das (não) estratégias federais de testagem e vacinação em massa, nossa responsabilidade se agiganta.

Então, preferimos seguir e reforçar as orientações mais rígidas, convocando os CL e tantos outros quanto desenvolvam suas práticas corporais ao ar livre, que se portem como se estivessem em ambientes fechados, cuidando de si e do outro, com o uso da máscara, a manutenção do distanciamento, a busca de tempos e espaços com menos concentração de CL e outrem. Que nas ocasiões em que o CL decida parar para lanchar em algum comércio, seja ele como for, que use o álcool gel na desinfecção de suas

<sup>10</sup> Nos referimos ao mês de junho de 2021.

mãos, em sua carteira e/ou cartão de crédito, luvas e, também, nos copos, pratos, talheres etc. que utilize.

Quer dizer, que façamos tudo que for possível, sem exceções, para preservar a vida – nossa e a dos outros!

## Referências

**BRASILEIRÃO tem 320 casos de Covid 19 entre atletas e técnicos.** Globo esporte, São Paulo, 28 fev. 2021. Disponível em <https://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/brasileirao-tem-320-casos-de-covid-19-entre-atletas-e-tecnicos-veja-os-times-mais-afetados.ghtml>. Acesso em; 20 maio 2021.

DOOLITTLE, D. What's more risky, going to a bar or opening the mail? **TextMed**, Texas, 2 jul. 2020. Disponível em: <https://www.texmed.org/TexasMedicineDetail.aspx?id=53977>. Acesso em: 10 abr. 2021.

FROSI, T. O. *et al.* A prática do ciclismo em clubes de Porto Alegre/RS. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 3, 2011. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v14i3.9755>. Disponível em <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/9755>. Acesso em: 6 jun. 2021.

LOPES, M. V. V. *et al.* Tipos e quantidades de atividades físicas praticadas por adolescentes do sul do Brasil. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, n. 3, p. ??-??, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v21i3.45850>. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/45850>. Acesso em: 5 jun. 2021.

OLIVEIRA, R. de S. *et al.* Variações angulares do quadril, joelho e tornozelo entre dois métodos de ajuste de altura de selim da bicicleta: um estudo de caso. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. ??-??, 2013. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v16i1.15938>. Disponível em <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/15938>. Acesso em: 5 jun. 2021.

**PRESSIONADA por Covid 19 NBA tenta salvar temporada, dinheiro e imagem.** Folha de São Paulo, São Paulo, 15 jan. 2021. Esporte. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2021/01/pressionada-por-covid-19-nba-tenta-salvar-temporada-dinheiro-e-imagem.shtml>. Acesso em: 20 maio 2021.

**SANTO Antônio de Goiás atrai ciclistas e quer reforçar rota turística.** O Popular, Goiânia, n. 24.535, 16 maio 2021. Economia, 2021. Disponível em: <https://www.opopular.com.br/noticias/economia/santo-ant%C3%B4nio-de-goi%C3%A1s-atrai-ciclistas-e-quer-refor%C3%A7ar-rota-tur%C3%ADstica-1.2251429>. Acesso em: 17 maio 2021.

SBMEE. Informe 5 da SBMEE: Perguntas mais frequentes sobre exercício físico e a COVID-19 (uso de máscaras). **SBMEE**, São Paulo, 1 jun. 2020. Disponível em: <https://www.medicinadoesporte.org.br/wp-content/uploads/2020/07/01-06-INFORME-5-SBMEE-AT.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2021.

SIMÕES, A. Coronavírus: corrida e ciclismo exigem até 20 metros entre as pessoas mesmo ao ar livre. **Hoje em dia**, Belo Horizonte, 10 abr. 2020. Horizontes, 2020. Disponível em: Coronavírus: corrida e ciclismo exigem até 20 metros entre as pessoas mesmo ao ar livre - Horizontes - HOME ([hojeemdia.com.br](http://hojeemdia.com.br)). Acesso em:

SCHETINO, A.; MELO, V. A bicicleta, o ciclismo e as mulheres na transição dos séculos XIX e XX. **Estudos Feministas**, Florianópolis: jan./abr. v. 17, n.1. p. ??-??. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2009000100007/10986>. Acesso em: 9 jun. 2021.

## Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.